

EPILEPSIA

Há muitos mitos a combater

IV Jornadas passaram por Coimbra para mudar mentalidades

Bruno Gonçalves

bruno.goncalves@asbeiras.pt

ESTIMA-SE que, todos os anos, surjam em Portugal quatro mil novos casos de epilepsia, maioritariamente em crianças e adolescentes. No total, são cerca de 50 mil que padecem desta patologia no nosso país. No entanto, há ainda muitas mentalidades por mudar... e é esse o trabalho da Associação Portuguesa de Familiares, Amigos e Pessoas com Epilepsia (EPI) e da Liga Portuguesa Contra a Epilepsia.

Foi neste contexto que surgiram as EPI-Jornadas, que este ano passaram por Coimbra, na quarta e quinta-feira.

O objetivo destas jornadas "é chegar à população jovem e, por exemplo, estudantes da área da saúde e ciências sociais, com informações mais específicas sobre esta doença, já que, por ventura, nos cursos, ela não é muito explorada", explicou Catarina



Catarina Cunha e Sofia Neves são psicólogas da EPI

Cunha, da EPI, ao DIÁRIO AS BEIRAS.

As EPI-Jornadas têm ambulado entre Lisboa, Coimbra e o Porto, onde serão as próximas, mas "sempre com os mesmos objetivos e destinatários", acrescenta Sofia Neves, também da EPI.

As duas psicólogas adian-

taram que a aposta a fazer "é na educação e na mudança de mentalidades". Tudo porque há vários "mitos" em torno da doença, tais como "as pessoas pensarem que a epilepsia está associada a doenças mentais ou incapacidades cognitivas, o que não corresponde. Ou ainda achar que, pelo facto de as crises se-

rem imprevisíveis, a qualidade de vida destas pessoas está altamente comprometida".

É também para desmistificar estas ideias erradas que a EPI pediu em abril deste ano, ao parlamento, a criação do Dia Nacional da Epilepsia, que se vai assinalar, pela primeira vez, no próximo ano, no dia 11 de março.

INVESTIGAÇÃO

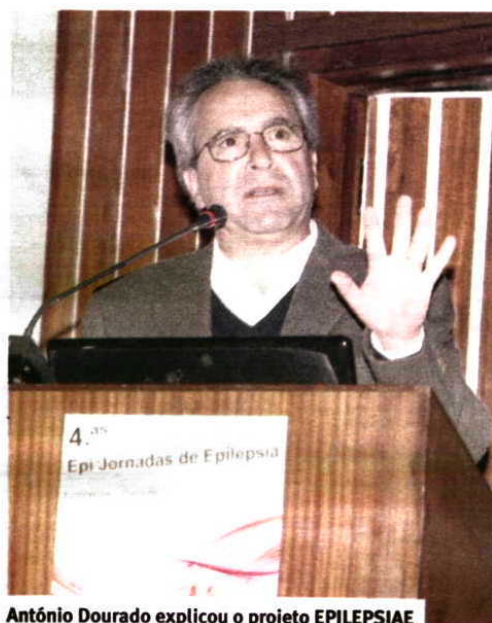
Coimbra ajuda a prever crises

O MAIOR flagelo desta patologia passa pela imprevisibilidade das crises. Um doente epiléptico pode estar a trabalhar, à espera do autocarro, ou a divertir-se com os amigos quando a crise bate à porta. No entanto, pode haver uma luz ao fundo do túnel para os 50 milhões que se estima serem afetados por esta doença em todo o mundo. Chama-se EPILEPSIAE. É um projeto financiado pela União Europeia e que está a ser desenvolvido em cooperação com a Faculdade de Ciências de Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC), os HUC, o Centro Nacional de Investigação Científica de França, a Universidade de Freiburg (Alemanha) e a Micromed, da Itália.

António Dourado, investi-

gador da FCTUC, falou com o DIÁRIO AS BEIRAS e mostrou-se confiante de que pode estar para breve um mecanismo que permitirá "revolucionar a vida de muita gente". Há já uma base de dados com cerca de 200 doentes a nível europeu e também estão desenvolvidos alguns métodos científicos que funcionam com "pelo menos alguma parte dos doentes".

O investigador conta também que seja possível fazer ensaios clínicos "até ao final do ano ou princípio do próximo ano", mas o projeto ainda não está concluído. "Vamos continuar, pelo menos, por mais um ano, mas não podemos garantir que, durante este ano, consigamos concluí-lo", afirmou o responsável.



António Dourado explicou o projeto EPILEPSIAE